

Agoniados: ética e moralidades no trabalho para levar água às casas no bairro da Chatuba¹

Gustavo Silva de Azevedo (IESP-UERJ/RJ)

Resumo

Na Chatuba de Mesquita (RJ), um bairro da Baixada Fluminense, há uma rede complexa de sistemas informais de abastecimento produzida através do trabalho monetizado de autoconstrução dos moradores. Essa rede é formada principalmente por ligações feitas de maneira clandestina nos troncos distribuidores de água do sistema formal e pela perfuração de poços artesianos. Contudo, os moradores que trabalham na construção destas infraestruturas, são muitas vezes, desprestigiados. Um dos moradores chegou a defini-los como “agoniados”. Este desprestígio se fundamenta principalmente no fato de que estes trabalhadores cobram um valor de seus vizinhos para a execução de seus serviços. Os agoniados seriam, portanto, uma categoria desprestigiada de trabalhadores, que supostamente se aproveitam da fraqueza e da agonia dos vizinhos (por estarem sem acesso à água) para “arrancar” algum dinheiro deles. Em casos extremos estas práticas podem até mesmo carregar uma conotação de covardia. O termo faz referência ao fato de que estes sujeitos, em agonia financeira, se aproveitam da agonia hídrica do próximo. É possível observar, assim, um circuito específico que nos mostra formas de ganhar e gastar dinheiro, que, nesse caso, podemos chamar de dinheiro que se gasta ou se ganha com a agonia. Porém, a má fama desses indivíduos perante seus vizinhos se contrasta com a forma como eles enxergam seu próprio trabalho: alguns deles falam orgulhosamente do feito de ter “colocado água” nas casas do bairro em momentos de falta extrema do recurso. O objetivo desta pesquisa será discutir o trabalho na construção de infraestruturas informais de acesso à água, a partir de uma descrição da relação interacional entre moradores e indivíduos que trabalham com a construção dessas infraestruturas. Tentando não cair em romantizações comuns ao falar sobre autoconstrução, meu argumento é que estes trabalhadores, visto muitas vezes por outros moradores de maneira negativa, na realidade produzem o bairro da Chatuba e, tendo em vista que a água é um bem essencial para a vida humana, é a agonia e o agoniado que tornam a vida possível no bairro.

Palavras-Chave: Infraestruturas, informalidade, dinheiro

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024

Introdução

Na Chatuba, um bairro da Baixada Fluminense, desde o início do processo de ocupação do bairro, o acesso à água é uma das questões que pautam a vida social do bairro. Assim, os diversos relatos de momentos críticos de falta de água, nos oferecem uma janela privilegiada para analisar fenômenos que relacionam o abastecimento hídrico com questões já clássicas das ciências sociais, como por exemplo: o trabalho e suas nuances entre a formalidade e a informalidade (Machado da Silva, 2018; Misse, 2002); e o dinheiro (Simmel, 2005; Motta, 2014; Feltran, 2014; Zelizer, 1989). Dessa forma, o objetivo desta pesquisa será discutir o trabalho na construção de infraestruturas informais de acesso à água, a partir de uma descrição da relação interacional entre moradores e indivíduos que trabalham com a oferta de serviço de construção dessas infraestruturas.

A respeito da situação do abastecimento de água no bairro, uma matéria publicada pelo Jornal do Brasil no dia 21 de abril de 1980, mostra que desde a década de 1950, quando intensificou-se o processo de ocupação do bairro, existia canalização em parte considerável das ruas, mas isso não impedia que faltasse água na maioria das residências. Em algumas delas, não se teve sinal de água por mais de três anos. Isso nos mostra que a questão da água no bairro da Chatuba não passa necessariamente pela falta de conexão das casas ao sistema formal de abastecimento. O que nos parece relevante é: mesmo com as tubulações ligadas às suas casas, os moradores enfrentavam problemas para conseguir ter acesso regular à água e que esta dinâmica permanece atualmente. Nesse período, a principal forma de contornar a incerteza e a falha do sistema formal de abastecimento era enfrentando as enormes filas que se formavam nos “bicões”² com baldes, barris ou vasilhames.

A questão principal que norteia minha pesquisa de doutorado é: entendendo o contexto descrito no parágrafo acima, como os moradores da Chatuba fazem para ter acesso à água em suas casas? Na tentativa de responder a esta pergunta, notei que os moradores do bairro adotam estratégias materiais variadas para abastecerem suas casas. Essas materialidades, por sua vez, produzem tipos específicos de relações sociais, ao mesmo tempo, que essas relações produzem novas materialidades. Dentre as relações sociais observadas em torno do acesso à água, observo que o contexto hídrico descrito e as estratégias para administrá-lo, produzem, portanto, uma demanda e uma oferta por serviços não formalizados que visam melhorar ou resolver a situação do abastecimento no bairro. É possível observar, assim, um circuito específico que nos mostra formas de ganhar e gastar dinheiro (Motta,

² O “bicão” era uma infraestrutura construída com a canalização da água nos mananciais, para o direcionamento desta água até uma bica específica em uma parte de mais fácil acesso do bairro.

2014, p.123), que, nesse caso, podemos chamar de dinheiro que se gasta ou se ganha com a agonia.

O trabalho de autoconstrução de moradores, sobretudo de homens, é fundamental para o acesso à água no bairro. Eles irão construir ligações clandestinas, perfurar poços artesianos, construir cisternas e conectar mangueiras de casas com acesso à água até casas que não estão conseguindo acessar o recurso. Por sua vez, as mulheres são responsáveis por outros tipos de atividades, como fazer a gestão das águas dentro das casas ou, como faziam até os anos 1980 no bairro da Chatuba, ir buscar água no “bicão”.

As principais soluções adotadas para mediar a falta d’água são: conexão de encanamentos clandestinas à rede regular de distribuição de água, a perfuração de poços artesianos e conectar mangueiras de borracha de um local com acesso à água até uma casa que está sem o recurso. Num primeiro momento, tentei, durante minhas entrevistas e visitas de campo ao bairro, observar dinâmicas de solidariedade em torno da questão do abastecimento de água. Todavia, não identifiquei experiências de solidariedade o suficiente que me permitissem dizer que essa é uma forma geral de lidar com a questão do abastecimento. Na realidade, as soluções adotadas pelos moradores para mediar a irregularidade ou inexistência de abastecimento de água às residências envolve, quase sempre, alguma troca de bens ou serviços monetizados.

Isso não significa que não existam casos em que moradores cedam água voluntariamente para vizinhos que estão com maior dificuldade em obter o recurso. Cláudia, uma moradora do bairro, por exemplo, me relata que seu enteado, residente da mesma rua, costumava conectar uma mangueira de sua casa até a caixa d’água dela. Ele não pagava pela água e morava em uma área onde a água “caia” com maior frequência. No entanto, esses relatos são exceções e só costumam acontecer entre familiares e vizinhos que possuem uma longa relação de amizade.

Cabe aqui uma introdução a um termo que utilizarei ao longo deste trabalho: a agonia. O termo é definido como: estado de aflição; angústia e inquietação. Neste trabalho, defino os episódios críticos de falta d’água como momentos de agonia. Não me refiro a um dia ou outro que não “cai água”, porque no geral os moradores da Chatuba relatam que não receber água todos os dias em sua casa é o ordinário. Me refiro então, a situações inesperadas, a momentos em que as casas ficam mais de uma semana sem receber o recurso. Esse termo foi introduzido por um morador que definiu assim a possibilidade de não ter acesso à água.

Porém, a agonia pela falta d’água está conectada com uma outra agonia: a financeira. Nesse caso, indivíduos, aos quais este mesmo interlocutor se refere como “agoniados”,

(termo que atua claramente como uma categoria de acusação) tendo a agonia e a urgência para conseguir dinheiro, acabam por se aproveitar da “agonia” dos moradores que estão sem água. Dessa forma, esses trabalhadores atuam vislumbrando a possibilidade de conseguir algum dinheiro dos vizinhos oferecendo soluções materiais para a falta d’água. Noto também, que esses trabalhadores “agoniados” também sofrem com a agonia da falta d’água, visto que, quase em sua totalidade, também são moradores do bairro.

Os agoniados: a realização de serviços para levar água às casas no bairro da Chatuba

“Tem cara aqui, que a função dos caras é enxergar a agonia dos outros. Porque os caras praticamente falam assim, ó: eu sou um agoniado. Eu vivo da agonia dos outros. Tá sem água? Eu casso água. Cortaram a tua luz? Eu vou lá no poste e faço gato. É um cara comum, que eu acho que não tem profissão. Mas faz todas as profissões”.

(Depoimento de Edson em entrevista, 2023)

Ele não é eletricista. A profissão é achar o fio que liga ali. Achou? Pronto, acabou. Sobe no poste (...) E faz gato pra todo mundo.

(Depoimento de Edson em entrevista, 2023)

“O mesmo cara que faz do gato a luz, é o mesmo cara que faz do gato a água”.

(Depoimento de Edson em entrevista, 2023)

Sem dúvidas, as falas acima foram umas das que mais me intrigaram ao longo desta pesquisa. Tive muita dificuldade para assimilar a profundidade do que Edson tentava comunicar. Em um primeiro momento, cheguei a relacionar a descrição de Edson a uma figura comumente romantizada do “biscateiro” que faz de tudo para ganhar um dinheiro e sobreviver. Um indivíduo que, por menos instruído que seja e por mais que tenha uma vida dura e difícil, não se acomoda e não deixa de se virar atrás de trabalho para conseguir o que é seu. Um sujeito que é comumente visto como um empreendedor nato. Para mim, era essa ideia que Edson estava tentando me passar com sua fala. Contudo, somente quando parei para transcrever a entrevista, pude me dar conta de que não era essa a representação de trabalhador que ele estava fazendo. Na verdade, estava sendo apresentada a mim uma categoria de trabalhador desprestigiado, que supostamente se aproveita da fraqueza e da agonia dos vizinhos, seja pela falta de água ou de energia, para “arrancar” algum dinheiro deles. Esses são os indivíduos que Edson categoriza como agoniados.

Nesse sentido, cabe aqui uma breve explicação sobre o uso do termo agoniado. Boa parte do tempo de reflexão durante a realização desta pesquisa tem sido a respeito desta palavra. Posso dizer, que a tentativa de qualquer elaboração sobre essa categoria foi, por si só, um processo de muita agonia para mim. Fiz muitas pesquisas sobre o termo e tentei achar outros trabalhos que o utilizassem. Até que, em um momento despretenso, usando uma rede social, deparei-me com um indivíduo que se reconhece e define seus próximos como agoniados. Aqui a relação entre o uso do termo agonia e o desprestígio atribuído aos indivíduos que oferecem serviços para solucionar a falta d’água fizeram sentido. O perfil desse sujeito tem duas temáticas principais (ambas ligadas à dinheiro): agiotagem³ e jogo de ronda⁴. Em uma definição de si mesmo ele diz:

³ Empréstimos com juros abusivos concedidos por pessoas físicas

⁴ Jogo de cartas que geralmente envolve uma quantia grande de dinheiro

Eu sou agoniado. Não tem o que se trabalhar em específico. Eu dependo da agonia do “parceiro”, da minha agonia, da rua, da sorte... O agoniado faz de tudo que der para arrumar um dinheiro. O agoniado se envolve com qualquer tipo de transação que dê para arrumar um dinheiro. Em si, não tem um trabalho específico. Eu trabalho na rua, com a minha sorte e com a tua sorte. Com a minha agonia e com a sua agonia. Eu sou um agoniado, entendeu? Eu dependo disso aí para trabalhar.

A partir do depoimento de Edson e da forma como outros moradores descreveram suas interações com esses sujeitos, me coloco a seguinte pergunta: o que aproxima esses “agoniados” dos indivíduos que trabalham construindo formas informais/ilegais de acesso à água no bairro da Chatuba? O que aproxima, por exemplo, um agiota de um sujeito que, em troca de dinheiro, trabalha construindo ligações clandestinas de água ou conectando mangueiras à casa de vizinhos que estão sem acesso ao recurso?

A exploração sobre a vulnerabilidade alheia é um dos elementos que está presente tanto nas representações sobre o agiota e do sujeito que lucra com jogos de azar. Enriquecer através do vício e da necessidade urgente de dinheiro de alguém são práticas que, em casos extremos podem carregar uma conotação de covardia⁵. O que observo é que o mesmo acontece, talvez de maneira mais radical, com aqueles que vislumbram ganhar algum dinheiro com a sede do outro. No caso da água, duas coisas potencializam tal conotação: 1) parece haver uma certa reprovação moral em atrelar ganhos econômicos a um bem tão essencial quanto a água; 2) o fato de que, na maioria das vezes, são vizinhos que lucram com a falta de água dos seus próprios vizinhos. Ou seja, a exploração é sobre o seu semelhante. Aquele que está sendo afligido pelo mesmo mal que você.

Tive um único encontro com um desses indivíduos. Como meu foco era na forma como os moradores representam esses trabalhadores, acabei não direcionando muito esforço para achá-los ou ouvi-los. Porém, enquanto caminhava pela rua Carolina, acompanhado da minha tia-avó⁶ - moradora desta rua desde sua infância até a juventude -, eu encontro um sujeito cortando madeira com uma makita na calçada de um botequim, do qual ele parecia ser dono junto a sua esposa. O estabelecimento é pequeno e funcionava na calçada da casa, com um balcão de cimento revestido de azulejos brancos, algumas mesas e dois fliperamas, um ao lado do outro. Ele reconheceu minha tia, sorriu e, de maneira jocosa, se desculpou pelo barulho. Então, ela me apresentou dizendo o nome do meu pai - que também morou na mesma rua durante um tempo -, me identificando, portanto, como filho de um morador.

⁵ A covardia ou a exploração não são as únicas maneiras pelas quais as atividades desses sujeitos são julgadas. No caso dos agiotas, por exemplo, Da Silva (2023), demonstra como para os camelôs que necessitam de dinheiro para investir em mercadoria em Eldorado, o agiota pode ser considerado um “melhor amigo”.

⁶ Irmã da minha avó que me acompanhou em algumas idas à Chatuba.

Em seguida, ele faz uma brincadeira sobre a minha altura e eu, já de maneira mais descontraída, expliquei que quero escrever sobre moradores antigos do bairro. Então aproveito para perguntar o que mudou no bairro de sua infância para hoje. Ele respondeu: “NADA! Pra mim tá tudo a mesma coisa”. Sua esposa chega perto e diz: a mesma coisa não, tem asfalto e tem água. Eu, aproveito a deixa e pergunto como é o acesso à água na casa deles. Eles respondem: “cai água sem problema, toda segunda e sexta”. Esse morador me fala que já foi pior e que já teve épocas de não cair água por muito tempo.

Após descrever momentos críticos de intensa falta d’água, ele relata com orgulho o feito de ter “colocado água” na casa de muitos vizinhos, inclusive na casa do meu pai⁷. Ele descreve como “puxava uma mangueira lá de cima” - algum local na parte mais alta do bairro - e distribuía pelas casas. Ele, então, abre os braços, dá um sorriso largo, flexiona levemente os joelhos e diz: “mas rolava um dinheiro, né?”, fazendo o típico sinal de friccionar o polegar no dedo médio em referência a dinheiro. É nesse momento que me dou conta de que estou na presença de alguém que se encaixa no perfil daquilo que me foi apresentado como agoniado.

Como não gozam de muita credibilidade, a relação entre os agoniados e os moradores do bairro é pautada principalmente pela desconfiança. Essa desconfiança é sempre mais forte do lado dos moradores - contratantes do serviço -, visto que há a possibilidade de que estejam sendo enganados. Os agoniados têm como maior preocupação a chance de não serem pagos pelo trabalho que executam. Contudo, pelo fato de que, na maioria das vezes, realizam serviços na mesma vizinhança que moram, a probabilidade de um “calote” é baixa.

Além disso, um outro elemento garante que os agoniados sejam sempre pagos: como a incerteza no acesso hídrico no bairro é na verdade uma certeza de que em algum momento faltará água, não pagá-los é assumir o risco de que ele não realize algum serviço, caso você precise de uma nova forma de conseguir água. É importante que os moradores não mantenham dívidas com estes indivíduos, devido a sempre iminente possibilidade de necessitar novamente dos serviços do “agoniado”. Por isso, mesmo que demore, as pessoas costumam pagar. Inclusive, na conversa relatada no parágrafo anterior, este sujeito que encontrei me disse que já colocou muita água na casa do meu pai e que ele era muito ruim de pagar, mas que sempre pagava.

Cláudia e Ricardo, mãe e filho moradores da Chatuba, frustrados após contratarem o serviço de um indivíduo que se ofereceu para perfurar um poço artesiano em seu quintal, apresentam um sentimento de desconfiança que, em sequência, desencadeou em uma série de

⁷ meu pai morou por um tempo na rua onde encontrei esse sujeito

acusações. Para o filho de Cláudia, o homem contratado seria um “malandro” que só queria tirar dinheiro da família. A desconfiança de Ricardo é baseada em duas questões. Primeiro, o homem alegou ter cavado e só ter encontrado pedra abaixo do solo. Isso, para ele, não faria sentido, pois pessoas que moram em partes mais altas do morro conseguem encontrar água quando perfuram poços. Então, por qual motivo, eles, que moram em um local mais baixo, não conseguiriam?

Outro fator que levanta suspeita sobre o trabalhador é o fato de que ele tentou cavar apenas em um local. Nesse sentido, o fato dele não ter feito mais perfurações em outras partes do grande terreno da família demonstra, para Ricardo, pouco empenho em achar água. Isto reforçaria a sensação de que ele não seria um trabalhador honesto, mas sim um oportunista que teria se aproveitado da agonia da família para ganhar dinheiro, sem sequer entregar o serviço que ofereceu. Portanto, podemos observar o contraste entre sentimento de orgulho pelo feito de garantir o acesso a água de seus vizinhos presente na fala destes trabalhadores e o desprestígio que estes trabalhadores carregam a partir da fala dos contratantes de seus serviços..

Outro elemento me chama atenção sobre os trabalhadores da agonia: a forma oculta como eles são representados pelos moradores. Nenhuma das pessoas com quem conversei, souberam ou quiseram precisar os nomes dos indivíduos que prestaram algum serviço da agonia, especialmente daqueles que fizeram ligações clandestinas de água em tubulações da CEDAE. Em entrevistas, quando me contam sobre o processo de implantação dos encanamentos ilegais em suas casas, os moradores que usufruem desta materialidade, se referem à procura por esses indivíduos como um processo de procura por “quem já fazia esse serviço”. Todas as vezes que essa figura oculta aparece eu insisti em perguntar mais de uma vez: “e quem é essa pessoa?” e as respostas são sempre as mais difusas possíveis.

Thelma: Então, quando a gente veio pra cá, a gente viu que o único jeito da gente ter água era fazer essa ligação, a gente foi procurar quem já fazia esse serviço. Que ia furar o buraco e fazer a instalação de água. E foi isso. Procuramos a pessoa que já estava acostumada e fizemos. Mas todo mundo aqui já sabe quem é.

Gustavo: Quem é a pessoa?

Thelma: É (...). Quem faz esse serviço.

Gustavo: É, como você chegou a essa pessoa?

Thelma: São pessoas da comunidade que já furaram outras vezes e a gente sabe quem é, a gente vai lá, procura e...

Gustavo: Mas será que essas pessoas tinham alguma ligação com a CEDAE?

Thelma: Não, não.

Gustavo: Gente daqui mesmo?

Thelma: Trabalhador, a maioria da construção civil. Que sabe fazer esse tipo de serviço, né?

A prática de oferecer soluções para a falta d'água em troca de dinheiro não é recente e perpassa todo o processo de formação do bairro da Chatuba. Nas dinâmicas de abastecimento mais antigas citadas ao longo deste trabalho, já havia moradores que se dispunham a realizar serviços que garantisse água a vizinhos em troca de algum valor. Um senhor com 65 anos, por exemplo, que morou a vida inteira no bairro, me conta que quando era novo, para ganhar um “dinheirinho”, ele buscava água no “bicão” para outros vizinhos da rua. Ele diz que ganhava R\$17,00 reais para isso, mas depois se corrige dizendo que não lembra nem qual era a moeda da época. Cláudia me conta também, que durante sua infância morava em uma parte mais alta do bairro, onde os moradores tinham dificuldade de fazer com que a água “subisse” o morro. Lá, um sujeito resolveu furar um poço artesiano e vender baldes d'águas para os vizinhos. Ele era conhecido como “dono da água”.

Henrique e “Japa”: uma outra forma de representar quem garante água para os seus vizinhos?

Segundo moradores, um político instalou três bombas d'água que bombeiam água da parte baixa do bairro para o alto morro e que, assim, pararam de depender da água vendida por este indivíduo. São três bombas localizadas na Rua Júlio Macedo, em uma região que é conhecida como Carolina⁸. Na figura 1, é possível observar a primeira bomba, aquela que fica na parte plana do bairro. É possível observar um lava-jato que funciona na calçada de uma casa e ao lado das bombas. Mangueiras saem desta casa e transportam a água usada no lava-jato. Uma mancha de água escorre pelo asfalto, deixada pela utilização do maquinário do estabelecimento. Na figura 2, é possível observar a bomba intermediária com o dizer: “não jogue lixo”. Não consegui ter acesso à terceira bomba, que fica na parte mais alta do bairro. A pessoa que me acompanhava não sabia a exata localização dela e, por questão de segurança, preferi não tentar achá-la.

⁸ esse nome designa a rua Carolina e suas adjacências: uma na parte plana do bairro, outra num local intermediário, e a última no alto do morro.

Figura 1 - Primeira Bomba d'água da Carolina



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023

Figura 2 - Bomba d'água Intermediária na Carolina



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Na primeira visita que fiz a esta rua, conversei com alguns moradores que estavam parados perto das bombas. Eles se mostraram pouco abertos, porém, mesmo sem muita vontade de falar, me deram duas informações: 1) as bombas funcionam e ainda é desta forma que os moradores que moram naquela parte do bairro conseguem obter água. “Só cai água aqui se a bomba estiver ligada”, disseram; 2) duas pessoas costumam mexer nas bombas: o Henrique e o “Japa” - nesse caso, mexer se refere a fazer o trabalho de manutenção.

Diferentemente daqueles que são vistos como agoniados, os nomes das pessoas que fazem o trabalho de “cuidar” das bombas e garantir o funcionamento delas foram rapidamente citados, sem que sequer tenha sido necessário eu perguntar. Foi possível perceber na fala do morador que citou o nome destes indivíduos, um certo tom de prestígio dado ao trabalho realizado por Henrique e “Japa”. Foi inevitável fazer uma associação entre a forma como este morador se referiu a Henrique e Japa e aos relatos que tinha ouvido anteriormente sobre os “agoniados”.

Para mim, a diferença de conotação ao falar sobre esses dois tipos de tarefas está diretamente relacionada ao ato de cobrar algum valor ou não pela tarefa que se executa. É possível observar como o desprestígio e a desconfiança em relação ao trabalho do agoniado, para além da questão da ilegalidade das práticas realizadas por eles, estão também relacionados ao fato de que eles realizam serviços monetizados, enquanto Henrique e “Japa”, “cuidam” das bombas sem cobrar nenhum valor.

Considerações Finais

Como vimos, a incerteza em relação ao abastecimento de água gera, entre os moradores da Chatuba, um sentimento de agonia. No bairro, é comum enfrentar problemas para conseguir ter acesso ao recurso, mesmo que sua casa esteja conectada ao sistema formal de abastecimento. Esse cenário incentiva a construção de várias infraestruturas, como ligações clandestinas e/ou poços artesianos, que irão se somar ao sistema regular de abastecimento, visando diminuir a possibilidade de ficar sem água.

Como pude demonstrar, de uma maneira geral, a maior parte das estratégias adotadas para lidar com as dificuldades no acesso à água no bairro da Chatuba envolvem trocas de bens ou dinheiro. Na esteira do que Viviana Zelizer chamou de “special monies”, isto é, uma tentativa de entender o dinheiro a partir de seus significados sociais e simbólicos, chamo o dinheiro que se ganha e se gasta com a falta d’água de dinheiro da agonia. Entendendo que o dinheiro também existe fora da esfera do mercado e é profundamente moldado por fatores estruturais culturais e sociais, observo que o ato de ganhar dinheiro com a sede dos seus vizinhos costuma ser moralmente condenado por aqueles que pagam pelos serviços que solucionem a falta d’água.

Nesse contexto, surge aquilo que chamo, neste trabalho, de agoniado. O agoniado é aquele trabalhador que tenta resolver sua agonia financeira através da solução daquilo que causa agonia no outro, nesse caso, a falta d’água. Apesar de manifestar orgulho por conseguir colocar água na casa dos vizinhos, estes indivíduos são vistos por quem contrata seus serviços como aproveitadores, pois, supostamente, se aproveitam do momento de agonia de seus próximos para obter vantagem econômica.

Em *O mundo popular: trabalho e condições de vida*, Machado da Silva (2018), discute a interpretação feita a partir das teorias da marginalidade de que segmentos marginais seriam entendidos como disfuncionais. Ou seja, seriam residuais e se encontram fora da economia moderna. No entanto, o autor argumenta que, na vida cotidiana, o formal e o não formalizado se combinam e se conectam. Assim, o não formalizado seria também um “aspecto central da estrutura da vida cotidiana” (Machado et al, 2018, p.80). O que argumento é que os agoniados - trabalhadores -, o trabalho com a agonia - serviços prestados pelos agoniados - e as infraestruturas da agonia - no caso da água: poços, ligações clandestinas e mangueiras -, não devem ser encaradas como residuais. Estes trabalhadores, visto muitas vezes por outros moradores de maneira negativa, na realidade produzem o bairro da Chatuba. E, tendo em vista que a água é um bem essencial para a vida humana, é a agonia e o agoniado que tornam a vida possível no bairro.

É importante frisar, que não pretendo com este argumento regressar a uma romantização da figura do agoniado, semelhante a que quase tropecei no início da minha análise. O que mostro é: como a agonia é um sentimento central para a construção das relações sociais em torno da água e do próprio bairro, em termos materiais. Em um lugar onde os moradores consideram que não falta água quando “cai água” durante dois dias em uma semana e em horários determinados - geralmente a noite -, é possível observar que as relações econômicas em volta da água, na realidade, se assemelham à construção de uma espécie de economia da agonia.

Bibliografia

DA SILVA, Thiago José Aguiar. O melhor amigo do camelô: uma análise sobre a relação entre o comércio ambulante e a agiotagem. **Plural**, v. 30, n. 02, p. 147-167, 2023.

FELTRAN, G. D. S. Alor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. *Caderno crh*, 27, 495-512, 2014.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). **SOUZA, Jessé & OELZE, Berthold. Simmel e a modernidade. 2ª ed. rev. Brasília: Editora da UnB, 2005..**

MACHADO DA SILVA, L. A. et al. O mundo popular: trabalho e condições de vida. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

MISSE, Michel. Rio como bazar: a conversão da ilegalidade em mercadoria política. **Insight inteligência**, v. 3, n. 5, p. 12-16, 2002.

MOTTA, Eugênia. Houses and economy in the favela. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 11, p. 118-158, 2014.

RABOSSI, Fernando. Negociações, associações e monopólios: a política da rua em Ciudad del Este (Paraguai). **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 15, n. 1), p. 83-107, 2011.

Zelizer, Viviana. The Social Meaning of Money: "Special Monies". *The American Journal of Sociology*, Vol. 95, No. 2 (Sep., 1989), pp. 342-377